



TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
Vol. 35 (4)

ACTAS VIII

1º CONGRESSO de ARQUEOLOGIA PENINSULAR

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

**1.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

(Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

A C T A S

(Coordenação de Vítor Oliveira Jorge)

Vol. VIII

ANEXO IV

**Parecer do Núcleo da Guarda da Quercus/Associação
Nacional de Conservação da Natureza
sobre a riqueza ambiental do vale do Côa e
a possibilidade de um Parque Natural para a região**

No que concerne ao projecto que a EDP tem para o Vale do Côa, cumpre-nos informar que na nossa opinião, além de inundar o “maior santurário a céu aberto de arte rupestre” (segundo os especialistas), vai também afectar negativamente algumas espécies autóctones de interesse regional, nacional e internacional. Com efeito, o vale do rio Côa, devido à sua geomorfologia e localização geográfica alberga algumas associações florísticas típicas e raras a nível nacional, só por si capazes de constituir fonte de desenvolvimento regional se devidamente exploradas. Do ponto de vista faunístico, ocorrem neste vale, ainda, espécies raras da nossa avifauna, como sejam: a lontra, a cegonha negra, a águia real, abutre do egipto, entre outros.

Obviamente que a maior parte destas espécies faunísticas é susceptível de se adaptar a esse novo habitat; no entanto, algumas verão locais de nidificação destruídos. Para além disso, quer-nos parecer que os propósitos futuros, quer da EDP, quer da autarquia, são de um aproveitamento massivo da albufeira para prática de desportos e outras actividades que serão de todo inconciliáveis com a preservação destas espécies e outras que eventualmente a construção da albufeira trouxesse.

No entanto, no nosso ponto de vista, a nível regional e do ponto de vista estritamente conservacionista, o vale do Côa tem uma importância diminuta quando comparado com o vale do Águeda ou com a albufeira de Sta. Maria de Aguiar. Acresce ainda o facto de o vale do Águeda ser do ponto de vista arqueológico um valor promissor.

Perante estes factos, a nossa opinião é a de que classificar o vale do Côa excluindo os vales dos rios Douro e Águeda não faz sentido, pois quer do ponto de vista geomorfológico, geológico, florístico, faunístico e pensamos que arqueológico, complementam-se, e só assim estariam reunidas condições para que toda esta região pudesse aspirar a um desenvolvimento sustentável e ininterrupto, fruto das diversas potencialidades disponíveis. Acrescento ainda um facto que pode ser relevante, que é a vontade de autarquias como a de Figueira de Castelo Rodrigo, as do Douro Superior e das associações de defesa do Ambiente, nomeadamente a Quercus, em conseguir a classificação de Parque Natural para as zonas atrás citadas.

Guarda, 23 de Junho de 1995
O Vice-Presidente do Núcleo

**O RIO CÔA E A PRÉ-HISTÓRIA RECENTE
DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
- BREVE APONTAMENTO**

por

Susana Oliveira Jorge*

1. Segundo uma hipótese plausível, o interior do Norte de Portugal poderá ter incorporado algumas componentes do sistema agro-pastoril durante o VIº/Vº milénio A.C. (Vº/IVº milénio a.C.), a partir de estímulos oriundos da Meseta, veiculados através do Douro e seus afluentes. Indícios desta “neolitização” continental parecem ocorrer nas ocupações mais antigas dos abrigos de Buraco da Pala (Mirandela) ou Fraga d’Aia (S. João da Pesqueira), localizadas não longe de Foz Côa, nas proximidades de tributários do Douro. Acompanhando a utilização dos primeiros cereais e ovicaprídeos e o fabrico da primeira utensilagem própria desta fase, podem ter ocorrido algumas manifestações de arte rupestre ao ar livre de tipo “esquemático” e/ou “sub-naturalista”, detectadas nos abrigos anteriormente referidos e em outros da Serra de Passos (Mirandela).

No concelho de Vila Nova de Foz Côa são conhecidos diversos “abrigos”, revelando, à superfície, material da Pré-história Recente, cujo estudo poderá futuramente indiciar uma ocupação muito antiga dessa fase. Se tal se verificar, este reconhecimento ajudará a corroborar a cronologia neolítica, atribuída com base em critérios estilísticos, a rochas pintadas e gravadas, representando zoomorfos “sub-naturalistas”, descobertas nas margens do rio Côa (Faia, Penascosa, Canada do Inferno, etc.). Com efeito, o rio Côa, tendo-se constituído como um grandioso santuário no Paleolítico Superior, parece ter continuado a ser utilizado como tal pelos primeiros agricultores/pastores de há cerca de 6.000 anos.

2. Ao longo do IVº e IIIº milénios A.C. (IIIº/1ª metade do IIº milénios a.C.) assiste-se à sistemática ocupação do Norte de Portugal no quadro de grupos que

* Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras do Porto. Este breve texto foi produzido no quadro do projecto, apoiado pela JNICT, sobre “Génese e Consolidação do Sistema Agro-pastoril em Trás-os-Montes e Alto Douro”, de que a autora é a coordenadora.

dominam a produção agro-pastoril. Assim, ocorrem indícios de investimentos agrícolas de longo prazo, de que resultam ocupações continuadas em territórios geográfica e conceptualmente cada vez mais circunscritos. Aos territórios amplos e fluidos dos primeiros agricultores, sucedem-se territórios cada vez mais restritos, cuja gestão, por parte de grupos ainda não politicamente centralizados, exige o reforço da demarcação de fronteiras espaciais. É neste contexto de visibilização de novos espaços de poder, enquanto dispositivos comunicacionais para a afirmação de identidades comunitárias, que deve ser encarada a emergência de povoados murados e de “santuários” com estelas antropomórficas.

No concelho de Vila Nova de Foz Côa encontra-se em estudo desde 1989 o mais importante povoado murado do Calcolítico e da Idade do Bronze conhecido no Norte da Península: Castelo Velho de Freixo de Numão. Situado num remate de esporão, com excelente visibilidade sobre o encaixado vale do Côa, e sobre toda a paisagem envolvente, o povoado é constituído por uma pequena “cidadela” delimitada por um murete descontínuo. No seu interior foram descobertas estruturas e materiais relacionados com actividades como o armazenamento, a moagem e a tecelagem. Entre o Calcolítico e o Bronze Inicial o povoado de Castelo Velho conheceu, pelo menos, três grandes fases de monumentalização arquitectónica.

Fora do concelho, e na margem direita do Douro, a apenas escassos quilómetros em linha recta do povoado referido, localiza-se o “santuário”, ainda inédito, com estelas antropomórficas, do Cabeço da Mina (Vila Flor). Situado numa elevação suave que emerge de um vale, Cabeço da Mina consubstancia, no Norte de Portugal, uma nova concepção de espaço sagrado. Trata-se de uma forma inovadora de “monumentalização” da paisagem. Tal como o povoado fortificado, indicia novas formas de construção do espaço, entre o IIIº e o IIº milénios a.C., em datas não calibradas.

O IIº milénio a.C. é aliás uma fase de intenso povoamento na região. Conhecem-se inúmeros povoados, havendo indicadores de crescimento da economia produtora e de relações com outros espaços peninsulares. A “estela” de Longroiva, encontrada a poucos quilómetros do Côa (Meda), representa a figura de um chefe carismático provavelmente da Iª metade do IIº milénio a.C., rodeado dos seus atributos de poder, nomeadamente armas. Durante esta fase o povoado de Castelo Velho de Freixo de Numão terá permanecido como um importante “lugar central” polarizador dos grupos desta região.

Contudo, ao mesmo tempo que se encenam novos espaços de ostentação do poder e de demarcação territorial, continua-se a utilizar sítios tradicionais de culto - lugares naturais “monumentalizados” - como o vale do rio Côa. De facto, algumas figuras antropomórficas “esquemáticas” e/ou “sub-naturalistas” pintadas, descobertas em fragas localizadas nas margens deste rio (Faia, Ribeira de Piscos,

etc.), ou corniformes gravados (por exemplo, em Orgal), podem reportar-se ao Calcolítico/Bronze Inicial. O Côa terá assim continuado a funcionar como palco de diversas “sacralidades” ao longo de toda a Pré-história Recente.

Devemos ainda fazer referência a um importante complexo de gravuras filiformes atribuíveis à Idade do Ferro localizadas em várias áreas do Côa e outros (mais pequenos) afluentes da margem esquerda do Douro. Os seus temas e estilo conectam-nos claramente com o complexo do vale da Casa, submerso pelas águas do Douro aquando da construção da barragem do Pocinho (Vila Nova de Foz Côa). Na Vermelhosa, por exemplo, em espectaculares painéis sobranceiros ao Douro, figuras de guerreiros desta fase sobrepõem-se a claras imagens de animais, com o corpo estriado, de estilo paleolítico. Também neste domínio se impõe uma prospecção intensiva da região, por forma a registar todas as inúmeras gravuras existentes, bem como as modalidades de povoamento coevas.

Uma tão persistente continuidade de utilização espacial e simbólica do vale do Côa transforma-o num caso raro a nível europeu e mundial. Os achados deste rio constituem, pois, uma das mais inesperadas descobertas da Pré-história do séc. XX. Requerem, consequentemente, um estudo arqueológico exaustivo de todo o vale e área circundante.

Qualquer que seja a área que venha a ser definida para um futuro Parque Arqueológico - única medida séria a tomar neste caso - a envolvência arqueológica mais ampla do mesmo será indispensável para a compreensão dos valores arqueológicos existentes nas suas zonas nucleares. Nessa ordem de ideias, Castelo Velho de Freixo de Numão terá de ser necessariamente incluído nos circuitos culturais e turísticos a estabelecer em conexão com o Parque, e nos projectos de investigação a desenvolver na região do Alto Douro, logo que o cenário alternativo à barragem de Foz Côa seja implementado.

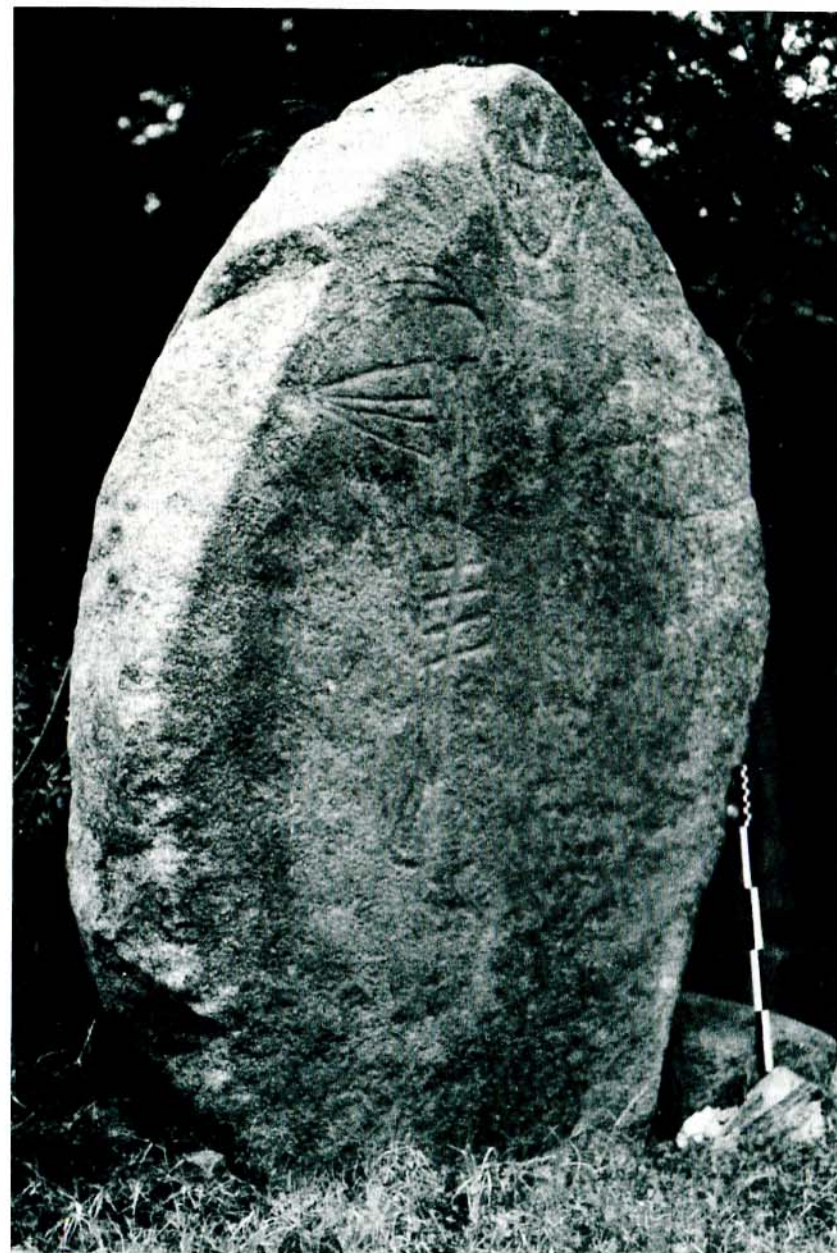
Porto, Setembro de 1995



A colina do Castelo Velho vista aproximadamente de SW (à esq., com o topo rodeado de eucaliptos). À direita, ao fundo, Vila Nova de Foz Côa. Foto V. O. Jorge.



Aspecto das escavações de 1994 no Castelo Velho, vendo-se, em primeiro plano e à direita, a muralha interna do povoado. Foto V. O. Jorge.



“Estela de Longroiva” (Meda), antes de ter sido mostrada ao público no MNA (Lisboa), na exposição “A Idade do Bronze em Portugal – Discursos de Poder”, onde actualmente se encontra (foto V. O. Jorge).